





INSURGÊNCIAS DE “MARIAS”: SABER ANCESTRAL, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS QUE NÃO FORAM ESCRITAS

INSURGENCIAS OF “MARIAS”: ANCESTRAL KNOWLEDGE, MEMORIES AND STORIES THAT WERE NOT WRITTEN

Victoria Guilherme Guedes de Moura  

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Thaís Pio Marques  

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo: O artigo visa contribuir com o debate sobre as narrativas, com ênfase nas experiências e saberes das mulheres negras, historicamente marginalizadas. Utilizando o conceito de "escrevivência" de Conceição Evaristo (2020), a pesquisa destaca a escrita como um ato de resistência e de ressignificação do passado, fundamental para dar voz e visibilidade às mulheres negras. A metodologia adotada revisita as histórias de personagens como as “Marias”, cujos saberes são transmitidos por meio da tradição oral, preservando sua sabedoria e resistência. O artigo propõe uma reflexão crítica sobre a importância de valorizar a ancestralidade e a potência das mais velhas, reconhecendo seu papel essencial na construção da identidade e história do Brasil. Dessa forma, busca-se celebrar as histórias dessas mulheres no presente e projetá-las para o futuro.

Palavras-chave: Mulheres negras; Ancestralidade; Oralidade; Tradição; Educação.

Abstract: *The article aims to contribute to the debate on narratives, with an emphasis on the experiences and knowledge of Black women, historically marginalized. Using the concept of "escrevivência" by Conceição Evaristo (2020), the research highlights writing as an act of resistance and re-signification of the past, essential for giving voice and visibility to Black women. The methodology revisits the stories of characters like the “Marias,” whose knowledge is transmitted through oral tradition, preserving their wisdom and resistance. The article proposes a critical reflection on the importance of valuing ancestry and the power of older women, recognizing their essential role in the construction of Brazil’s identity and history. Thus, it seeks to celebrate the stories of these women in the present and project them into the future.*

Keywords: *Black women. Ancestry. Orality. Tradition. Education.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo¹ surge do desejo de colaborar com o diálogo em torno das narrativas de pessoas negras e suas histórias. Entre silenciamentos e apagamentos, a escrita historiográfica por muito tempo se ancorou em destacar homens e mulheres e suas conquistas em prol da pátria, sem considerar as bases e os corpos destituídos de sua identidade na construção do país. Nesse sentido, o que se via eram caracterizações bem definidas de personagens: pele branca, cabelos lisos, roupas claras, discursos heroicos e uma trajetória retilínea e idônea. A pergunta que surge é: quem pode escolher os heróis e heroínas desse país?

Cabe repensarmos as histórias fantásticas que lemos tidas como verídicas e quase sempre enredadas de forma bem articulada para a projeção do/a mártir. Na literatura então, reproduziu-se por muitos anos a visão de submissão e subalternidade de pessoas negras, colocadas às margens dos contos e dizimadas de seus protagonismos. Na contramão das obras canonizadas na Academia, Evaristo (2020) ensina o poder das nossas histórias, basta deslocarmos o ângulo para a compreensão do seu conceito de “escrevivência”.

[...] em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p. 30).

A partir dessa referência metodológica, a “escrevivência” tem atravessado as experiências sobre o ser e o existir no mundo das mulheres negras que se foram, que estão e que virão. O conceito da ancestral do futuro, Evaristo (2020), nos permite enxergar os diferentes protagonismos, basta definir o que se quer contar, sendo as mãos as ferramentas de delegação desse poder, através das teclas de um computador ou de um papel com uma caneta. A intelectual ao cunhar o termo, se ancorou na figura da Mãe Preta, desse corpo que fora escravizado e cerceado de liberdade, mas que de alguma maneira insurgiu nas brechas.

Duas Marias orientam este texto, que pode ser interpretado como a história de tantas outras Marias. Seus conhecimentos foram firmados pela tradição oral (Hampaté Bâ, 2010)

¹ O presente artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

compartilhada pelos saberes aprendidos há gerações. As personagens em questão não estão nos jornais, nem têm seu legado tombado como patrimônio imaterial, mas se apresentam como forças que podem ser identificadas nas diferentes mulheres negras que construíram e constroem cotidianamente o país.

Essa confluência “é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece” (Santos, 2023, p. 4). Certamente o destaque escolhido desta escrita confluirá com quem lê, porque Marias conduzem os pensamentos. Quem nunca amou uma Maria? (Guilherme, 2021). Como poetiza Bituca, Milton Nascimento: “Mas é preciso ter força, é preciso ter raça /É preciso ter gana sempre/Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria/Mistura a dor e a alegria”.

Os saberes encantados foram repassados há gerações até chegar aqui. Encantamento, nessa direção é compreendido como “o princípio da integração entre todas as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade)” (Simas; Rufino, 2020, p. 7).

Honrar as ancestrais nessa escrita escrivente (Evaristo, 2020), também é dar vida em tons de felicidade e comunidade no *quilomboquintal*² da infância. O texto convoca a refletir sobre as personagens da vida real, que estão ao nosso redor, que abrem os caminhos e se confluem nas encruzilhadas.

Teixeira de Freitas: lugar de Maria, protagonista de sua própria história

A Teixeira de Freitas é uma via de tráfego sem saída, a principal da região, que se liga com a Alameda São Boaventura. Aí fica localizado o frágil comércio da comunidade: duas padarias, alguns botequins, salão de barbeiro, e muitas vendinhas. Há ainda um açougue, mas está ameaçado de fechar. [...] A população das ruas São Januário, Riodades, Teixeira de Freitas e cercanias, chega a 15.112 pessoas e o índice de habitantes por estabelecimento comercial é de 146,72. São 2599 crianças de 7 a 14 anos, mas só 866 cursam a escola primária (*O Fluminense*, 15/09/1976, p. 5).

² Assim como Araújo, Bragança e Prado (2021), a aglutinação de palavras, grafadas em itálico, foi realizada para demarcar a indissociabilidade que constitui a união dos conceitos destacados. Nesse caso, a partir de Nascimento (2006), toda coletividade de pessoas negras unidas em prol da comunidade se constitui como quilombo e o quintal das favelas, como lugar de proteção das mais velhas negras que zelam e protegem as infâncias faveladas.

A matéria publicada no jornal da cidade de Niterói, *O Fluminense*³, em 15 de setembro de 1976 foi intitulada como “Teixeira de Freitas vive em paz depois que patrulha da PM voltou”. A extensa rua localizada no bairro do Fonseca, caracterizou popularmente o lugar, que mesmo cortado por outras ruas, foi nomeado como a Teixeira de Freitas. A década de 1970 marcou uma série de intervenções na conjuntura político-econômica fluminense: em 1975, Niterói deixou de ser capital do Estado em função da junção dos estados da Guanabara e Rio de Janeiro; ao mesmo tempo em que se fortaleceu com a construção da Ponte Presidente Costa e Silva, a Ponte Rio-Niterói inaugurada em 1974 (Luz, 2009).

Com a Ponte, segundo Luz (2009, p. 280), “a cidade cresceu descontroladamente, sofrendo com a ‘invasão carioca’, no dizer de seus habitantes. Niterói acabou servindo de terreno para a expansão do mercado imobiliário do Rio de Janeiro”. Com uma classe média concentrada às margens da Baía de Guanabara, especificamente pela orla da Praia de Icaraí, até meados de 1970 essas famílias de alto poder aquisitivo tinham a região provinciana como um lugar de encontro dos jovens praianos.

Localizada aproximadamente a 5,4 km do centro de Niterói, a realidade da Teixeira de Freitas era bem diferente. A patrulha da Polícia Militar, segundo *O Fluminense*, fez-se necessária devido à sucessão de assaltos do bairro tipicamente residencial e de comércio frágil. O alto número de crianças fora da escola foi denunciado pela diretora da única instituição de ensino do local: o Colégio Estadual Conselheiro Josino, alegando falta de interesse dos pais pela matrícula. Ela reclamou das condições precárias de trabalho como a falta de água, energia elétrica e saneamento básico.

Ainda no jornal, o diretor do Hospital Infantil Getúlio Vargas, único polo de saúde situado na entrada do local, fez um levantamento dos principais casos que eram atendidos: desnutrição, verminose, desidratação, infecção gastrointestinal e broncopneumonia. Segundo o diretor esses quadros estavam atrelados à falta de saneamento e baixo poder aquisitivo da população.

As opiniões em *O Fluminense* divergiam. Em entrevista com alguns moradores, Teixeira de Freitas era vista como um lugar de família, pacato e bom de se morar, apesar dos problemas infraestruturais. Com festas promovidas pela Igreja de Santa Terezinha e pelo

³ Jornal fundado no ano de 1878 em Niterói, município do Rio de Janeiro. A terra indígena, traduzida do tupi como “águas escondidas” foi capital do estado do Rio até 1975.

Colégio Conselheiro Josino⁴, encontro dos homens aos finais de semana nas mesas dos botequins e ótima movimentação de transporte público. Por outro lado, na Travessa Figueira, de frente pra igreja, reclamava-se dos porcos na rua, da escuridão e do lamaçal. Também se falava da criminalidade no local, inclusive de um assassinato de um motorista, morador que levou tiro no ouvido e deixou nove filhos.

É nesse recorte espacial que Maria Soares Guilherme, mulher preta retinta, mãe de duas filhas, casada e criada no local, narrou parte de sua história. Nascida em 21 de abril de 1939, caçula entre os quatro irmãos, foi criada na Teixeira de Freitas, especificamente na Travessa Figueira, no morro próximo à Praça da Fonte, num lar de gente afetuosa e trabalhadora. Estudou pouco, aprendeu a “ler, escrever e contar”, atributos básicos para seguir adiante no mundo letrado, pois o trabalho assumiu preponderância desde cedo para a colaboração no sustento da família.

Na Praça da Fonte havia um grande poço no qual homens, mulheres e crianças abasteciam seus latões e subiam o morro equilibrando-os na cabeça e nas mãos até chegarem em suas casas. Com essa água, Maria lavou e passou roupas de muitos moradores dos bairros nobres como Icaraí, Santa Rosa e São Francisco. As roupas quaradas em seu quintal, retornavam impecáveis aos lares de seus patrões. Com o corpo sempre molhado, em tempos de calor ou de frio, mais tarde toda essa exposição viria a gerar consequências para a sua saúde.

Figura 1: Maria Soares Guilherme



Fonte: Acervo pessoal, 1975.

⁴ Na matéria não foi mencionado o bloco carnavalesco fundado na Teixeira de Freitas que agitava as ruas do bairro. O Bloco da Chaleira concentrava uma grande quantidade de moradores que desfilavam pelas ruas do centro de Niterói no carnaval.

Vaidosa, copiava os modelos de roupas das revistas femininas e junto às suas três irmãs exibia beleza e elegância. As “táticas” (Certeau, 1994) de reprodução da moda para além dos modelos das propagandas impressas, eram vistas em seu cotidiano pelas ruas e lares que frequentava. Desfilava frequentemente com livro na cabeça, com o objetivo de manter a postura e a graça no andar. Ouvinte assídua dos programas e novelas de rádio, admirava as vozes e canções que ressoavam em sua casa.

De acordo com Certeau (1994, p. 102), a tática se configura como a astúcia, como uma “hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz na fundação de um poder”. É nesse sentido que a capacidade de reinvenção de Maria se fez, encontrou nas brechas o sentido da reprodução e da apropriação daquilo que era o possível. Usar as roupas da moda, andar elegantemente e conhecer as novelas, as músicas e os artistas mais tocados na rádio a aproximavam taticamente de formas de dominar as práticas e os códigos culturais da época.

Leitora voraz, tinha facilidade em acessar bibliotecas nas casas em que trabalhava. Entre o morro e o asfalto, Maria cultivava a ambição de ir além. As realidades vivenciadas nos dois mundos influenciaram sua personalidade e suas escolhas ao longo da vida. A ligação com o quintal da família só foi rompida após as sucessivas perdas de seus entes queridos, sendo a última delas do seu esposo, José de Oliveira Guilherme. Foi a partir desse acontecimento que Maria desceu do morro e nunca mais retornou.

Tornou-se inspetora escolar, criou filhas, netos e agregados. Aposentada, envelheceu sem sentir o passar do tempo, porém com os passos mais lentos e falhas na memória. Reconheceu toda a sua luta e percebeu a aproximação da hora da partida. Ao longo dos anos, compartilhou as mais diferentes histórias e os saberes da família Soares.

Que a Lua venha nos “alumiá”

No alto do morro, a família Soares perdia seu enorme quintal para dar lugar as novas casas que eram construídas conforme aconteciam os casamentos. Viúva, Carmem Marins Soares, a mãe de Maria assumiu muito cedo a liderança feminina na direção da educação, orientação e amparo financeiro dos filhos. Desse modo, manteve sua prole por perto, atuando como rezadeira, conselheira espiritual da família, avó educadora das crianças que nasciam e *griô/griot* nas rodas de conversa dos finais de semana.

Essa noção de *griô/griot* se ancora em Hampaté Bâ (2010) ao destacar a importância da tradição oral africana. “Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação” (2010, p. 169). Segundo o autor, os *griôs/griots* podem ser classificados em: músicos, embaixadores e genealogistas. Os músicos tocam qualquer instrumento; os embaixadores ou cortesãos são de famílias nobres e mediadores em caso de desavenças; os genealogistas, são contadores de histórias, viajantes⁵.

Carmem com suas raízes afro-indígenas⁶ compartilhava entre os seus os saberes da carne e do espírito, concentrando assim seu poderio matriarcal. As histórias contadas em “pretuguês”, (Gonzalez, 2020), o conhecimento das folhas, as rezas, a conexão com a ancestralidade (Pretas e Pretos Velhos e Caboclos) foram repassadas nos círculos da família aos pés da árvore do quintal. Como destaca Simas e Rufino (2020, p. 14): “Quando falamos de ancestralidade, não estamos reverenciando a morte, mas fortalecendo conexões entre os mortos e os vivos; coisa que preserva perfeitamente viva a história da comunidade”.

Nesse meio encantado (Simas; Rufino, 2020) Maria cresceu, com sua bagagem de aprendizados ancestrais que manteve viva a tradição oral da família Soares, ao mesmo tempo em que cumpria com fé os sacramentos da Igreja Católica. Batizada como Maria do Amparo e tendo São Jorge como seu protetor, foi uma devota fervorosa de Nossa Senhora e dos santos. Ao longo de sua caminhada outros passaram a fazer parte do rol de suas rezas e pedidos, como Santa Terezinha, São Jorge e São Sebastião. Nos momentos de dores, aflições ou alegrias, Maria recorria à sua fé, com seus joelhos ao chão e terço na mão.

Entre os conhecimentos compartilhados, alguns costumes continuaram a ser passados, entre eles a apresentação do recém-nascido à Lua. O neném, em noite de Lua cheia, deveria ser tomado nos braços de uma mulher da família, para que o ritual pudesse acontecer. Ao lado de fora, com a porta de entrada da casa aberta, os seguintes dizeres deviam ser proclamados, fazendo o gestual com a criança: “Lua luar, toma esse filho, me ajuda a criar. Cabeça é minha, bunda é sua”. Então corria-se com a criança para dentro, fechando a porta e repetindo o processo três vezes.

⁵ Hampaté Bâ (2010) destaca em suas análises os desafios enfrentados pela antiga África Ocidental Francesa, especialmente na formação de uma intelectualidade africana formada por disciplinas europeias. As tradições ancestrais vêm sendo resgatadas nas grandes cidades, com o objetivo do reencontro com as próprias raízes. Já no que ele chama de “África de base” a tradição manteve-se viva, porém a problemática, de acordo com o autor está na transmissão. Por quanto tempo a África tradicional se manterá viva? (2010, p. 210-211).

⁶ Cabe maior investigação sobre a ascendência indígena. As histórias que circulam entre os familiares é de que seu tio-avô, João Sabiá, liderava um povo na região de Saquarema /RJ. Por motivos de fé, doou as terras para a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. Nossa Senhora de Nazaré é conhecida como protetora dos pescadores e navegantes.

Até que ocorresse o ritual de apresentação, as roupas do bebê deveriam secar somente antes da Lua despontar no céu. Isso era realizado, pois temiam as dificuldades no crescimento e desenvolvimento da criança, assegurando assim seu vigor e saúde. Desde então, a Lua era tida como madrinha e nas noites em que era possível vê-la, pedia-se sua benção: “Bença dindinha Lua”.

Ajaguna (2019) diz que *Òṣùpá* no dicionário *Yorùbá* é Lua e também uma divindade que representa a força feminina. Fernandse (2019) remonta aos estudos medievais e diferentes culturas que expressam a Lua associada à fertilidade, produtividade, crescimento e sua relação com o Sol. Assim em São Jorge, por exemplo, a Lua relaciona-se à busca do equilíbrio de sua masculinidade no feminino sob a proteção de Nossa Senhora, assim como em *Ògun*, rei da guerra, do ferro, do aço e da tecnologia, no qual a Lua direciona-se às orixás *Yemonjá*, rainha das águas e *Ọṣun*, rainha das águas doces.

A conexão com a Lua era uma constante nas ações e iniciativas diárias, pois olhar para o céu no alto do morro significava estabelecer relações com as diferentes fases lunares. Desse modo, tanto *Ògun* como São Jorge foram tidos como protetores da família Soares, intermediados por esse satélite natural da Terra.

Maria e seu esposo José conjugavam da crença em São Jorge. José ao sair de sua terra natal no Norte Fluminense, Trajano de Moraes/RJ, em direção à Niterói/RJ, carregava a única herança deixada por sua mãe, uma imagem impressa do santo. No trajeto, o jovem que vinha a trabalho com o objetivo de prosperar na vida, teve todos os seus pertences roubados, mantendo em suas mãos apenas a ilustração. Com o passar do tempo, José não imaginava que um dia também encontraria uma mulher com tanta fé no “santo guerreiro”.

Maria conversava com São Jorge em momentos de aflições e alegrias, sua proximidade o fazia parecer membro da família. Sua narrativa, em outro quintal, com a tangerina pelas mãos, contava os encantamentos e o que ela considerava como milagres assinados por Jorge. Isso incluía pagamento de dívidas, intuições sobre os acontecimentos e até mesmo sua aparição personificada numa entidade de forte luz prateada. Sobre o último aspecto, afirmava que a entidade apareceu num momento de temporal, na madrugada, na rua. Com sua filha e netos, todos molhados, foi resgatada entrando em momento de transe, acordando apenas quando já estavam seguros em sua casa. O temporal passou e no alto estava a Lua “alumiando” o céu dos seus afilhados.

Maria Honorina: mulher de tradições que vivem, e pulsam, em coletivos nós

Vovó, eu não sei ler, vovó quero aprender

Me empresta sua Cartilha, que eu também quero aprender
(Ponto de Umbanda)

Dona Honorina, como era carinhosamente conhecida pelos mais próximos, morava numa rua de chão batido chamada Basileia, no bairro Engenho Pequeno, em São Gonçalo, Rio de Janeiro. No seu quintal, as crianças se entregavam a diversas brincadeiras: pique-pega, amarelinha, bandeirinha, pique-se-esconde, pique-parede, pique-alto, polícia e ladrão, pique-correntinha, casinha, taco... além de tantas outras inventadas, que, com o tempo, se tornaram tradição. Os amigos e vizinhos da rua Basileia, nos anos 2000, tiveram o privilégio de viver uma infância cheia de espontaneidade e laços afetivos firmemente entrelaçados pela amizade e pelo carinho.

Maria Honorina era uma mulher de fé. Responsável pela escrita das atas dos encontros das Legionárias de Maria⁷, tinha devoção à Nossa Senhora da Conceição. Ainda jovem, aos sete anos, perdeu a mãe. Durante uma de suas arrumações, encontrou uma medalhinha de Nossa Senhora, e, diante daquele pequeno símbolo de fé materna, decidiu, de forma consciente, que seria católica. Jamais faltava a uma missa de domingo e se envolveu também com o coletivo dos Franciscanos. Tinha no corpo, em seus joelhos, dois círculos mais escuros que seu tom de pele, marcas de tanto ajoelhar-se nas rezas.

Sua relação com a fé estava intimamente ligada à escrita. Embora tenha estudado até a 4ª série, ela se orgulhava de sua bela caligrafia e leitura fluida. Sua escrita era uma extensão de sua devoção, um gesto de espiritualidade. Carregava sempre consigo um livro de atas, com suas linhas pretas e sem margens, um papel que mais parecia um cartão, quase encantado, que transbordava seu compromisso com a fé que professava.

Maria Honorina também era uma mulher de tradição. Nunca deixava de festejar o aniversário de um familiar próximo, pois tinha uma dedicação sincera às pequenas celebrações da vida. Era uma forma de fortalecer os vínculos afetivos, de exaltar os laços que tornam a vida mais rica.

Uma de suas visitas constantes era à Praia da Luz, no bairro de Itaoca, em São Gonçalo, onde sua sogra, Nega Denga, uma preta velha que fumava cachimbo e cuidava da terra, vivia. Embora fosse na mesma cidade, as histórias narradas pareciam vir de um tempo distante, carregadas de sabedoria e vida. Maria, com seus filhos, visitava Nega Denga com frequência, pois sabia o quanto esse vínculo com a ancestralidade era precioso. As histórias da vida das

⁷ Congregação de mulheres da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, no bairro Engenho Pequeno, São Gonçalo/RJ.

pessoas negras são valiosas para que se tenha firmeza, pois honrar as mais velhas é garantir expectativas de futuro. É dialogar com a dimensão espiral do tempo (Martins, 2023), que preenche de sentido passado, presente e futuro.

Maria Honorina tinha um compromisso com a ancestralidade, ou seja, com o ato consciente de reconhecer a indispensabilidade dos antepassados para a experiência do presente e projeções de futuro. Mais do que saber dos familiares já falecidos, porém também saudar e celebrar seus legados. Como destaca Santos (2017), é parte basilar e constitutiva das sociedades tradicionais africanas.

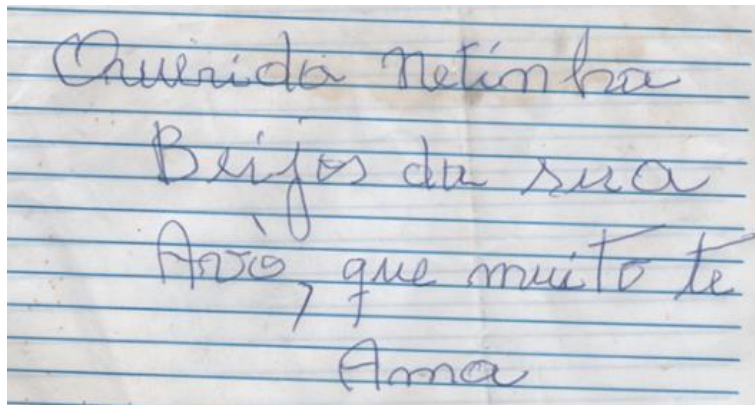
Figura 2: Visita às terras de Nega Denga



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Maria Honorina preservava com muito carinho seus inúmeros livros de receitas, todos escritos com uma caligrafia caprichosa. Para ela, o ato de cozinhar, em companhia das pessoas amadas, era um gesto de recepção e de amor. Na sua família, a cozinha era um espaço sagrado de união, onde o carinho e o afeto se traduziam em pratos compartilhados. Maria tinha o hábito de escrever, mantendo essa tradição viva, e muitas vezes presenteava com suas palavras.

Figura 3: *Bilhetepresente*



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Como destaca Kilomba (2016), as vozes de estudantes negras sempre foram silenciadas nos espaços formais de educação, e os afetos, muitas vezes, foram negados. No entanto, Maria, ao escrever seus bilhetes, transformava a *escritapresente* em um gesto de amor, de reinvenção e de fortalecimento dos laços. Esse amor, como nos ensina bell hooks (2021), não é um sentimento abstrato, mas uma escolha cotidiana, um amor que se manifesta no dia a dia, na coletividade de mulheres negras que se estendem as mãos para se apoiar e se fortalecer.

No Dia das Crianças, celebrado em 12 de outubro, Maria Honorina distribuía doces com a mesma generosidade com que oferecia seu carinho. Comprava saquinhos de São Cosme e São Damião e caixas recheadas de doces variados, e as crianças da família se reuniam para preparar com compromisso e entusiasmo. Depois de montados, os saquinhos eram colocados em uma sacola, prontos para serem entregues no portão do quintal. Era, sem dúvida, um dia de festa, de celebração e de partilha, marcado pela alegria simples e genuína que Maria promovia com seus gestos.

Maria Honorina, com seus afetos, afetamentos e amorosidade, inspirava desejos e sonhos. Ela ensinava que é possível celebrar a vida mesmo nas adversidades, apesar das dores e dificuldades impostas às mulheres negras no Brasil. Ela mostrava que lembrar de onde se vem, valorizar as mais velhas, escrever cartas de amor, celebrar com alegria e continuar as tradições vivas das comunidades periféricas — dos morros, das vielas e das favelas — são formas de resistir, de existir plenamente. Assim, faz-se urgente que a pesquisa se envolva com a vida e se recuse a sucumbir ao esquecimento. Salve a sabedoria das avós pretas!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita aqui realizada procurou evidenciar a influência das histórias das nossas ancestrais no caminhar da vida. Assim como o símbolo *Adinkra*, o pássaro *Sankofa*, junto a sabedoria africana revelam que é preciso apanhar o que ficou para trás. Parte da história das Marias pode ser identificada em confluência com as histórias de outras mulheres.

Primeiro fez-se necessário trazer a Teixeira de Freitas, em Niterói/RJ, lugar de onde veio Maria Soares. O quintal descortinava uma concepção que confronta diretamente o que se noticiava no jornal *O Fluminense*: os problemas de saneamento básico, energia elétrica, falta de água, doenças e pobreza do bairro limítrofe à Alameda São Boaventura, uma das principais vias da cidade.

Com sua mãe Carmem, Maria aprendeu que era preciso ter fé na vida para seguir adiante. Tendo a Lua como madrinha, seu modo de “inventar o cotidiano” (Certeau, 1994), pode ter sido propulsor na forma como encarava os desafios diários. “Escrever” (Evaristo, 2020) as histórias das nossas avós é poder materializar no papel os anos de escuta atenta daquelas que herdaram a tradição *griô/griot*. Crescer sob os seus pés, comendo tangerina no entardecer de um verão, era ouvir o canto da cigarra e ver a aparição da dindinha Lua no céu.

A mesma dindinha “alumiava” o quarto de Maria Honorina, em seu quintal. Vó Honorina morava sozinha em sua casa. E por mais que houvesse outras casas no quintal, legado de vovó a seus filhos e netos, eu costumava perguntá-la: “Vó, a senhora não tem medo de dormir sozinha no escuro?” Ao que ela respondia: “Que besteira, menina! A única diferença do claro para o escuro, é que no escuro não tem luz. E nos dias de Lua cheia, ela brilha enorme na minha janela! Parece até feita para mim!” E assim ensinava a ter coragem de enfrentar a vida. Essa mulher destemida, que nos presenteia com sua presença, seu amor, suas memórias, seu legado.

As personagens Marias se apresentaram como protagonistas, porque já conseguimos compreender a importância de quem somos. Com a caneta em mãos, podemos eleger como heroínas as pessoas que nós quisermos. Gonzalez (2018, p. 194), afirma: “Consciência exclui o que memória inclui”. Tecer, em linhas de afeto as memórias juntos às avós, tanto com a família consanguínea quanto com a família extensa (Santos, 2017)⁸, é honrar a vida de mulheres

⁸ Por família extensa, entende-se os laços estabelecidos entre as sociedades tradicionais africanas, de origem banta, que se estenderam ao sul do Saara, no continente africano. Segundo Ynaê Lopes dos Santos (2017) essas sociedades possuíam princípios basilares, como: “a família extensa, o pertencimento coletivo, a ancestralidade, o princípio coletivo e tradição oral” (2017, p. 54). Com o sequestro desses povos, e sua consequente diáspora nas Américas, muitas dessas tradições foram (res) significadas em solo brasileiro e se perpetuam em territorialidades que circulam a filosofia milenar desses povos.

negras, que por consequências do racismo apareciam nos trabalhos acadêmicos apenas como “o outro”, investigado, e não como elo fundamental da História do Brasil.

Como mulheres negras, professoras e pesquisadoras, ainda que diante das barreiras canônicas acadêmicas, temos a íntima missão de propagar o que pulsa em nosso caminhar.

REFERÊNCIAS

AJAGUNA, Baba Guido Olo. ÒŞÙPÁ – A Lua. **Odùdúwà Àrèmù**, 2019. Disponível em: <https://oduduwaaremu.blogspot.com/2016/06/o-sup-a-lua-o-termo-o-sup-a-esta.html>. Acesso em 10 dez. 2024.

ARAÚJO, Mairce da Silva; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme Toledo. Sobre pesquisaformação, itinerários e diálogos. **Revista Educação Unisinos**. v. 25, 2021. <<https://doi.org/10.4013/edu.2021.251.37>> Acesso em 20 mar. 2025.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1 . artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERNANDSE, Fernando. São Jorge, Ogum e a Lua como campo de batalha. **Constelar**, 2019. Disponível em: <https://constelar.com.br/tecnica-astrologica/astrologia-simbolismo/lua-campo-de-batalha/>. Acesso em 10 dez. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras** – Lélia Gonzalez em primeira pessoa... Rio de Janeiro: Diáspora Africana, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo-afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUILHERME, Victoria. Minha avó Maria: memórias saudosas de uma neta. In: RIBEIRO, Maria Aparecida (org.). **Sobre nossas avós**: memória, resistência e ancestralidade. - 1ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: **História geral da África, I**: metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo: Ática; UNESCO, 1982. p. 181-218.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUZ, Margareth da. “Nasce uma nova Niterói”: representações, conflitos e negociações em torno de um projeto de Niemeyer. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32,

p. 273-300, jul./dez. 2009. < <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200012>> Acesso em 10 dez 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

O FLUMINENSE. Teixeira de Freitas vive em paz depois que patrulha da PM voltou. Niterói, 15 set. 1976, p. 5.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **História da África de Brasil afro-descendente**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Morula, 2020.

Submissão em: 29/03/2025.

Aprovação em: 30/01/2026.